



UM CÂNONE MASCULINO: POESIA FEMININA NO RIO GRANDE DO SUL



A MALE LITERARY CANON: WOMEN'S POETRY IN RIO GRANDE DO SUL

ARIEL OLIVEIRA LEITE DE SOUZA

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | A AUTORA
RECEBIDO EM 15/03/2021 • APROVADO EM 08/05/2021

Abstract

We propose a discussion about the peripheral space occupied by women in Rio Grande do Sul's literature, pointing out how the histories of literature work as instruments to legitimize this exclusion. To do this, a comparative analysis of two histories of Rio Grande do Sul's poetry is carried out: **Um passado pela frente: poesia gaúcha ontem e hoje** (1998), by Luís Augusto Fischer, and **Poesia no Rio Grande do Sul** (1987), by Donaldo Schüler.

Resumo

Propõe-se uma discussão sobre o espaço periférico ocupado pela mulher na literatura do Rio Grande do Sul, questionando o papel das histórias da literatura enquanto instrumentos de legitimação dessa exclusão. Para isso, realiza-se uma análise comparativa de duas histórias da poesia do Rio Grande do Sul: **Um passado pela frente: poesia gaúcha ontem e hoje** (1998), de Luís Augusto Fischer, e **Poesia no Rio Grande do Sul** (1987), de Donaldo Schüler.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Literary Canon. Donaldo Schüler. Woman's Poetry. History of Literature. Luís Augusto Fischer.

PALAVRAS-CHAVE: Cânone. Donaldo Schüler. Poesia feminina. História da literatura. Luís Augusto Fischer.

Texto integral

1. QUESTIONANDO O PAPEL DA HISTÓRIA DA LITERATURA COMO INSTRUMENTO DE LEGITIMAÇÃO DA EXCLUSÃO DA MULHER DO CÂNONE: UMA INTRODUÇÃO

No século XIX, a história da literatura surge atrelada a uma ideologia nacionalista, com o objetivo de estabelecer um conjunto homogêneo de autores e obras representativos da nação, ou seja, um cânone nacional. A influência da concepção romântica de literatura como expressão da nacionalidade é a base da constituição do conceito de história da literatura. Nesse sentido, destaca-se importância da disciplina enquanto mecanismo de perpetuação dos valores nacionais e, tendo em vista o patriarcalismo presente na sociedade brasileira, evidencia-se seu papel enquanto legitimadora da exclusão da mulher do cânone literário.

Primeiramente, faz-se necessário esclarecer a que nos referimos ao falar em um cânone nacional. Para isso, partimos das acepções feitas por Roberto Reis (1992). O conceito de cânone, segundo ele, “implica um princípio de seleção (e exclusão) e, assim, não pode se desvincular da questão do poder: obviamente, os que selecionam (e excluem) estão investidos da autoridade para fazê-lo e o farão de acordo com os seus interesses” (REIS, 1992, p. 68). Segundo o autor, o cânone está impregnado pelo patriarcalismo, arianismo e pela moral cristã, que afirma serem os pilares da cultura ocidental:

Não resta dúvida de que existe um processo de escolha e exclusão operando na canonização de escritores e obras. O cânon está a serviço dos mais poderosos, estabelecendo hierarquias rígidas no todo social e funcionando como uma ferramenta de dominação [...]. Seria o caso de perguntar, então, quem articulou o cânon – de que posição social falava, que interesses representava, qual seria seu público-alvo e qual a sua agenda política, qual o seu estatuto de classe, de gênero ou étnico, por quais critérios norteou a sua eleição e rejeição de obras e autores (REIS, 1992, p. 70).

Os critérios utilizados no processo de inclusão e exclusão de obras e autores que integram uma história da literatura são essenciais para a discussão de sua influência na formação de um cânone literário que tem excluído sistematicamente a escrita feminina. Segundo Rita Terezinha Schmidt (1997), embora o “critério de brasilidade” fosse a principal preocupação dos críticos na escolha de obras a serem legitimadas, é preciso notar que estes estavam inseridos em um sistema cultural patriarcal. Sendo assim, seus parâmetros de seleção estavam ancorados em suas

vivências específicas enquanto grupo social detentor do poder simbólico: homens, letrados e pertencentes às elites econômicas.

Em outras palavras, nossos críticos pensavam a literatura dentro de uma moldura cultural/institucional que era, em parte, constituída por noções do canônico e são essas noções que permitem o reconhecimento das obras tidas como “sérias” e que, no contexto do século XIX, receberam legitimação. Não se pode ignorar também, que a concepção oitocentista da literatura se alimentava da crença, de base conservadora e romântica, sobre a função pedagógica da literatura: preservar os valores morais, iluminar a verdade e promover o progresso espiritual. Nesse contexto, os críticos se viam na obrigação de se identificar com os valores do homem digno, zelando por um código de honra se quisessem permanecer no rol dos “homens bons” [...] e como poderiam eles reconhecer qualquer obra de autoria de mulher como “série” se está não se enquadrava no sistema cultural herdado, nem pelo critério de verdade, amparado na leitura da experiência, que é masculina, e nem pelo critério de valor estético, calcado na leitura da tradição que é patriarcal? (SCHMIDT, 1997, p 290-291).

Nesse sentido, Schmidt (1997) dialoga com Reis (1992) ao explicitar que a posição social ocupada por aqueles que produzem as histórias da literatura, assim como seu gênero, é determinante em seu julgamento da qualidade de um texto enquanto literatura e, ainda mais, enquanto representante de uma nação. Afinal, apesar da pretensão de imparcialidade e objetividade da história da literatura no momento de seu surgimento, dado o cientificismo em voga no final do século XIX, ela sempre foi indissociável da crítica literária. De acordo com Roberto Acízelo de Souza (2003), embora não declaradas, as decisões críticas dos autores das histórias da literatura ficam explícitas por meio da “exclusão de determinado autor ou obra do conjunto dos ‘fatos’ estudados, bem como da variação do grau de atenção concedida aos escritores incluídos, materialmente visível na maior ou menor quantidade de linhas dedicadas a cada um” (SOUZA, 2003, p. 146).

Ao compararmos a presença de poetas homens à de poetas mulheres em duas histórias da poesia sul-rio-grandense: **Um passado pela frente: poesia gaúcha ontem e hoje** (1998), de Luís Augusto Fischer, e **Poesia no Rio Grande do Sul** (1987), de Donald Schüller os elementos que demonstram as decisões críticas tomadas pelos autores, apontados por Souza (2003), ficam explícitos. Deste modo, a análise comparativa aqui proposta se faz relevante por permitir uma reflexão sobre as representações e, principalmente, sobre as ausências femininas na história da literatura e sobre como isso se dá no contexto específico do Rio Grande do Sul.

2. O RETRATO DA POETA SUL-RIO-GRANDENSE: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DAS OBRAS *UM PASSADO PELA FRENTE: POESIA GAÚCHA ONTEM E HOJE*, DE LUÍS AUGUSTO FISCHER, E *POESIA NO RIO GRANDE DO SUL*, DE DONALDO SCHÜLER

As ausências e as parcas representações de poetisas mulheres que marcam as duas histórias da literatura aqui analisadas não são exclusividade delas. Conforme citado na seção anterior, historicamente a escrita feminina tem ocupado uma posição periférica nas histórias da literatura e, conseqüentemente, no cânone literário brasileiro. Por meio das considerações feitas por Schmidt (1997), compreendemos como esta exclusão se deu no contexto brasileiro. A partir das obras de Fischer (1998) e Schüler (1987), discutiremos como a marginalização feminina se dá no contexto específico da história da poesia do Rio Grande do Sul.

Na introdução da obra **Um passado pela frente: poesia gaúcha ontem e hoje** (1998), Luís Augusto Fischer aponta a especificidade da história da literatura do Rio Grande do Sul em comparação com a do resto do país. O autor inicia o texto ironicamente comparando um carioca (ou um paulista) em Porto Alegre à um marciano e divaga sobre como ele se sentiria ao observar “o zelo com que promovemos cursos regulares de Literatura Gaúcha, na Universidade e fora dela, considerando-a quase um universo a parte” (FISCHER, 1998, p. 9). Na sequência, ele afirma que este “certamente constataria que aqui há algo de particular no âmbito da poesia e na ênfase carinhosa com que preservamos a marca regional” (FISCHER, 1998, p. 09), o que explicita o posicionamento do autor sobre a singularidade da literatura gaúcha.

Donaldo Schüler também introduz sua **Poesia no Rio Grande do Sul** (1987) afirmando que a poesia gaúcha se desenvolveu de forma autônoma em relação ao resto de país. Dá como exemplo Rita Barém de Melo que, segundo ele, “produz na vigência do romantismo um poema sobre a Guerra do Paraguai que [...] não lembra nada do que na época se produzia no centro do país” (SCHÜLER, 1987, p. 9). O autor cita ainda a poesia simbolista gaúcha, cujo melhor “aparece na segunda metade deste século, época em que ela já não apresenta cultores do mesmo nível em outras regiões” (SCHÜLER, 1987, p. 9). Partindo deste princípio, ele propõe uma periodização da literatura sul-rio-grandense determinada por ela mesma e ligada a preocupações locais.

Em concordância com a proposta de Schüler (1987), tendo em vista o objetivo desta análise, destaca-se a forte presença da mulher na literatura do Rio Grande do Sul, já no século XIX. O que a diferencia da literatura produzida no resto do país, na qual presença da escrita feminina é bem inferior, conforme aponta Regina Zilberman na obra **Mulheres sul-rio-grandenses: a voz por trás do gauchesco** (1991). É consenso entre os historiadores da literatura gaúcha que sua obra inaugural é de autoria feminina. Nas duas histórias da literatura aqui analisadas, a obra **Poesias oferecidas às senhoras rio-grandenses**, de 1834, escrita por Delfina Benigna da Cunha, é apontada como fundadora da poesia culta no estado.¹ Outras poetisas que

¹Em seu ensaio **Os versos (quase) desconhecidos de Maria Clemência de Silveira Sampaio** (2006), Maria Eunice Moreira afirma que não fora **Poesias às senhoras rio-grandenses** (1834), de Delfina Benigna da Cunha, mas **Versos heroicos** (1823), de Maria Clemência de Silveira Sampaio, a obra fundadora da literatura sul-rio-grandense. Segundo ela, a ausência de Maria Clemência nas histórias da literatura do Rio Grande do Sul se justifica pelas dúvidas que pairavam sobre sua naturalidade. Por muito tempo, acreditou-se que a poeta fosse de origem baiana. Foi somente quando Moacyr Domingues localizou seu registro de batismo na cidade do Rio Grande (RS) que a sua naturalidade foi confirmada. Porém, ela só foi consagrada como poeta fundadora da literatura gaúcha

obtiveram destaque na poesia gaúcha no mesmo período foram Maria Clemência da Silveira Sampaio, Ana Eurídice Eufrosina de Barandas e Rita Barém de Mello.

A obra de Schüler (1987) segue o modelo tradicional das histórias da literatura, é seccionada em capítulos referentes às diferentes escolas literárias, embora não as tradicionais, dada sua intenção de estabelecer uma cronologia própria a literatura gaúcha. Delfina Benigna da Cunha aparece no oitavo capítulo do livro, intitulado *O conflito entre o texto arcaico e o texto monárquico na poesia*, e tem um subcapítulo dedicado exclusivamente a ela. Neste, o autor menciona duas obras da poeta, **Poesias oferecidas às senhoras rio-grandenses** (1838) e **Coleção de poesias dedicadas à imperatriz-viúva como tributo de gratidão** (1846), e cita diversos excertos de seus poemas, dos quais faz uma análise crítica.

Os juízos emitidos por Schüler (1987) sobre a poesia de Delfina não são positivos. Sobre os versos escritos pela autora à D. Pedro, o autor afirma “A exaltação não interpreta a personalidade de D. Pedro, da suplicante o soneto só mostra subserviência polpudamente adjetivada” (SCHÜLER, 1987, p. 59). Ao criticar outro poema, em que Delfina explora o tema da revolução, o autor afirma que a poeta não entendera a complexidade do conflito e que “este soneto guerreiro não mostra mais do que os sentimentos de uma mulher enfurecida. Delfina não soube retemperar a fúria com a arte” (SCHÜLER, 1987, p. 61). O único poema sobre o qual tece comentários positivos é “Vinte vezes a lua prateada”, porém destaca que este é um acontecimento raro na poesia da autora:

Não é ainda grande poesia. Faltam ao soneto achados que o singularizem. Mas os versos se apresentam limpos dos cacoetes da moda, venham do arcadismo ou do romantismo. Isto não é pouco, porque mostra um esforço de buscar trilhos não prescritos pelos roteiros autorizados. Para consegui-lo, Delfina desce ao vocabulário e a sintaxe de todos os dias e consegue produzir uma peça que resiste ao tempo (SCHÜLER, 1987, p. 62).

Na obra de Fischer (1998), a menção à Delfina Benigna da Cunha é ínfima e a crítica feita a sua poesia, embora também seja negativa, em muito se difere da anterior cujo tom é extremamente sexista. A história da literatura elaborada por Fischer (1998), diferentemente da de Schüler (1987), foge do modelo tradicional, sendo dividida em cinco capítulos que tratam de diferentes temas. Delfina é citada no segundo capítulo, também como fundadora da poesia culta gaúcha. Entretanto, apenas umas poucas linhas são dedicadas a ela, apenas o título de sua obra fundadora e um curto excerto de um poema seu é citado ao longo do texto, em nota de rodapé o autor cita mais um excerto a que se refere como uma “amenidade”.

Logo na sequência, Fischer (1998) menciona Ana Eurídice de Baranda² que, segundo Hilda Agnes Hübner Flores (1991), foi a primeira mulher poeta-novelistas

em 1981, quando a Academia Rio-Grandina de Letras a escolheu como patrona da cadeira trinte e dois.

²Ana Eurídice Baranda foi uma das muitas formas utilizadas por Ana Eurídice Eufrosina de Barandas para assinar suas obras.

cronista brasileira, além de profeminista e tradutora de Mary Wollstonecraft, a quem ele dedica menos de um parágrafo. Ao discutir a concomitante ascensão de duas poetisas mulheres no mesmo período, alega que isso só pode ser explicado pelo “desprestígio do cultivo desinteressado das letras por parte dos homens-guerreiros do estado” (FISCHER, 1998, p. 17), segue ainda afirmando que “os homens do período preferirão, regra geral, às amenidades de amor e da desilusão, as águas turvas do momento farroupilha” (FISCHER, 1998, p. 17). O sexismo presente em sua análise é notável, especialmente quando comparada à de Schüller (1987) que, de fato, contraria a aceitação de Fischer (1998) de que a poesia de autoria feminina seria centrada nas “amenidades do amor e da desilusão” ao citar um poema de Delfina Benigna da Cunha sobre a Revolução Farroupilha.

Na obra de Schüller (1987) não há menção a Ana Eurídice de Baranda. A próxima poeta citada por ele, após Delfina Benigna da Cunha, é Rita Barém de Mello. A primeira referência a poeta, no entanto, não está no subcapítulo dedicado a ela, mas na “Nota preliminar” que abre o livro. Nesta, conforme citado anteriormente, o autor utiliza um de seus poemas como exemplo da especificidade da poesia gaúcha em relação a produzida no centro do país. Tal escolha de exemplo evidencia que, em **A poesia no Rio Grande do Sul** (1987), a escrita feminina não é vista como secundária, como apenas uma consequência do desinteresse dos homens pelas artes devido aos conflitos bélicos que ocorriam no estado no período. Nesta obra, as poetisas são retratadas como parte integrante do processo de desenvolvimento de uma literatura representativa do estado de Rio Grande do Sul, ainda que quantitativamente sejam menos citadas que os poetas do gênero masculino.

A crítica feita por Schüller (1987) a poesia de Rita Barém de Mello no capítulo dedicado a ela é bastante favorável. O autor traz excertos de três poemas da autora: “Hino oferecidos aos soldados intrépidos”, “A... Eu não posso te amar” e “O soldado do Paraguai”. Ao comentar sobre o primeiro, afirma que a poeta “não superou totalmente a ênfase retórica, de nenhuma qualidade” e aponta que este é “de um primarismo desencorajador” (SCHÜLER, 1987, p. 63). Entretanto, exalta “O soldado do Paraguai” ao defini-lo como um poema definitivo, ele chega a comparar seus primeiros versos com a **Ilíada**, de Homero. O autor afirma ainda que o poema surpreende por ter sido escrito por uma mulher e que por meio dele “O estereótipo da mulher meiga, alheia às lides do homem, ligada ao mundo só pelo coração, já se demonstra falso em plena vigência do romantismo, nas masculinas fronteiras do Rio Grande do Sul” (SCHÜLER, 1987, p. 65).

Fischer (1998), cita Rita Barém de Mello ao junto de Félix da Cunha e os aponta como poetisas “apenas vagamente fixados pela tradição” que ganham destaque por meio das revistas *O Guaíba* (1856-1858) e *Arcádia* (1867-1870). Nenhuma obra dos autores é citada. Ao tratar de revistas relevantes na história da literatura sul-riograndense, o autor não poderia deixar de citar o Partenon Literário: “sociedade que por dez anos ininterruptos editou uma revista decisiva para a sedimentação de um perfil para a literatura gaúcha” (FISCHER, 1998, p. 22). Os poetas membros do Partenon Literário mencionados por Fischer (1998) são: Apolinário de Porto-Alegre, Bernardo Taveira Júnior, Lobo da Costa e Múcio Teixeira. Tendo em vista que o Partenon chegou a ter mais de 140 membros efetivos, dentre os quais seis mulheres, a seleção feita por Fischer (1998) é bastante reduzida, o que ele justifica:

Será injusto reduzir a esses fragmentos a obra do Partenon, a qual nem sempre foi tão ingênua e ufanista. Mas não é completamente injusta a redução: porque ao lado da tendência “nacionalista” gaúcha – que, como visto, buscava conscientemente suprir uma lacuna na formação da cultura local –, figurou uma lírica menor, mais acanhada ainda do que a expressão regionalista. Assim, fiquemos com esse esboço, que pode bem diagnosticar o ponto em que Apolinário e seus companheiros deixaram a coisa para seus sucessores (FISCHER, 1998, p. 22).

Schüler (1987), embora não mencione o Partenon Literário, dedica várias páginas a alguns de seus membros: Múcio Teixeira, Bernardo Taveira Júnior, Lobo da Costa, João Damasceno Vieira e Aquiles Porto-Alegre. Assim como na obra de Fischer (1998), aqui nenhuma das mulheres membros do Partenon é citada, entre as ausentes estão: Luciana Abreu, Revocata Heloísa de Melo e Amália dos Passos Figueiroa. Destacamos aqui a poeta Luciana Abreu por ter sido a primeira mulher a tornar-se membro de uma sociedade literária no Brasil, além de ter advogado pela educação da mulher, sendo uma das pioneiras na luta pela igualdade entre os gêneros. Ela foi também a primeira brasileira a subir à tribuna de conferências públicas, tendo defendido a emancipação feminina na Tribuna da Sociedade Partenon Literário:

Minhas senhoras, permiti que vos lembre a mais possante ideia que o Partenon Literário tem abraçado. Já vedes que falo da Instrução, dos direitos, da emancipação da mulher. É que o Partenon compreendeu, sem a realização dessa idéia, todas as outras não seriam mais que frases pomposas e elegantes, destinadas a ornarem o vocabulário das línguas; e que só a mulher culta e moral saberia resolver com vantagem os difíceis problemas da instrução universal, do luxo em relação à posição social e pecuniária do indivíduo; e que só ela poderia plantar no coração da mocidade os sãos princípios da ordem na liberdade (ABREU, 1949, p. 25 apud ZILBERMAN, 1991, p. 50).

O Partenon literário foi essencial para o desenvolvimento de uma cultura literária no Rio Grande do Sul e, por isso, o posicionamento de seus membros em relação emancipação da mulher é fundamental para discutirmos a posição ocupada por elas na história da literatura sul-rio-grandense. Para isso, partimos das considerações feitas por Apolinário Porto-Alegre, membro fundador do Partenon Literário e um dos poetas mais importantes do período, tendo sido citado em ambas as histórias da literatura referidas neste ensaio. O trecho abaixo faz parte do prefácio do livro **O Rio Grande independente** (1898), de Alcides Maya, escrito por Apolinário:

Foi desmentido cabal a asserção de que o clima do sul só pode produzir manifestações marciais, asserção subscrita por Adolfo Caminha e refutada por Alcides Maya, de fato e na teoria.

A ignorância de nossa história arrastou o autor da NORMALISTA e semelhante proposição.

Sempre em armas, tendo pouco mais de um século de existência, o Rio Grande não fruiu dos lazeres que trazem em larga escala a espontânea produção literária, científica e artística.

Não obstante, em todos os ramos da atividade humana, apareceram sempre vocações decididas, talentos privilegiados.

Se não tiveram desenvolvimento definitivo e luxuriosa maturidade, a causa deve-se procurá-la no meio social agitado e revolto pelas conflagrações belicosas que, em compensação, imprimiram-nos ao caráter este cunho de virilidade e força que, em vão, procurar-se-ia em outra parte do país.

E para prová-lo basta lembrar que, em organizações femininas consagradas à cultura da arte, temos tido maior soma que qualquer dos outros estados.

Como representantes do período clássico, entre outras nomearemos: Eurídice Barandas, e Delfina, a cega, que publicaram livros; do período romântico: Rita Barém, Amália Figueiroa, Julieta de Melo, Cândida Fortes, e nos últimos tempos Ana Aurora do Amaral Lisboa, que ocupa lugar proeminente no magistério, na poesia e na arte dramática.

Não devo olvidar nesta enumeração o nome de Luciana de Abreu, que, além de ser uma das mais distintas professoras da capital, na tribuna das conferências colheu copiosa messe de amarantos para coroa da imortalidade (PORTO-ALEGRE, 1898, p. 8-9 apud ZILBERMAN, 1991, p. 38).

Segundo Zilberman (1991), neste prefácio, Apolinário Porto-Alegre define o Rio Grande do Sul como uma potência masculina, atribuindo a seus habitantes traços de guerreiros e qualidade viris. Entretanto, quando quer evidenciar a riqueza cultural do estado, recorre às mulheres, afirmando que havia no Rio Grande do Sul uma quantidade maior de escritoras, artistas e intelectuais do que nos demais estados do Brasil. É interessante perceber a relação entre o ponto de vista expresso por Apolinário e o posicionamento dos autores das duas histórias da literatura aqui discutidas.

Fischer (1998) concorda com a tese Apolinário quando justifica a forte presença da autoria feminina no estado pelo desprestígio da cultura letrada entre os homens, que estariam mais interessados nos conflitos da Revolução, embora, diferente de dele, aponte essa presença como um fenômeno negativo. Já Schüler (1987), dialoga com as considerações feitas pelo autor ao definir o que chama de texto monárquico: “O texto monárquico exalta os homens que forjaram esta unidade da república. Destaca-lhes a elevação de caráter, o desejo de liberdade, a virilidade, a belicosidade. Quem tem estas virtudes é gaúcho e monarca das coxilhas” (SCHÜLER, 1987, p. 46).

Sobre as considerações feitas por Apolinário Porto-Alegre, é preciso notar ainda que a escrita feminina reconhecida por ele, embora prolífica, constituía uma

vertente literatura do Rio Grande do Sul que se desenvolvia paralelamente à dominante, masculina e de cunho regionalista, sem nunca a rivalizar com ela. O que demonstra que a literatura de autoria feminina sul-rio-grandense, como a produzida no centro do país, ocupava uma posição desprivilegiada em relação à masculina. Apesar disso, Zilberman (1991) destaca sua importância por ter aberto o caminho para as poetisas que escreveriam posteriormente:

Atuando no período em que se formam e consolidam a temática e o estilo regionais da literatura sul-rio-grandense, Luciana de Abreu, como antes Ana Eurídice, revela que uma outra vertente se constituía, às vezes subterrânea, às vezes emergente. Suas manifestações foram intermináveis, mas não menos importantes; sem seu aparecimento e expansão, talvez as melhores vozes da poesia - como Lila Ripoll e Lera de Lemos - e da ficção - como Tania Faillace, Lia Luft e Patrícia Rins - não tivessem tido oportunidade de se afirmar numa sociedade que, ainda no final do século XX, se mede seguidamente pelos padrões fornecidos pela tradição rural (ZILBERMAN, 1991, p. 50).

Ao adentrar a literatura do século XX, a disparidade entre número de mulheres e homens citados por Schüller (1987) se torna mais evidente. No capítulo em que trata das duas primeiras décadas do século, nenhuma mulher é citada. É apenas no décimo segundo capítulo, referente a geração de 30, que a escrita feminina é novamente mencionada por meio da poeta Lila Ripoll. No extenso subcapítulo dedicado a ela, são citadas suas obras **De mãos postas** (1938), **Céu Vazio** (1941), **Por quê?** (1947), **Novos poemas** (1951), **Primeiro de maio** (1954), **Poemas e canções** (1957), **O coração descoberto** (1961) e **Águas móveis** (1965). O autor cita diversos excertos de poemas da autora, sobre os quais faz uma análise positiva que conclui afirmando: “Atravessar a obra de Lila Ripoll compensa pelo cuidado da poetisa em aperfeiçoar os instrumentos” (SCHÜLER, 1987, p. 229).

No último capítulo da obra, Schüller (1987) trata da poesia posterior ao segundo período pós-guerra, a que dá o nome de Humanismo. As mulheres citadas nesse capítulo são Laci Osório, Lara Lemos, Mariah Dinorah Luz do Prado, Lya Luft, Heloísa Jahn e Miriam Gomes de Freitas. A cada uma das poetisas, o autor dedica um subcapítulo e, conforme fez até então, nomeia suas principais obras e cita alguns trechos de seus poemas, que analisa.

Ao comentar a poesia de Laci Osório, ele destaca seu caráter engajado e, de forma elogiosa, afirma que nela “a ideologia instrumentaliza os versos, os poemas, ágeis, apresentam-se cuidadosamente trabalhados” (SCHÜLER, 1987, p. 244). Mariah Dinorah Luz do Prado dedica-se à literatura infantil, o subcapítulo dedicado a ela é extremamente sintético, apenas um trecho de seus poemas é citado. Os comentários do autor sobre Lara Lemos, Lya Luft e Heloísa Jahn são superficiais e os subcapítulos dedicados a elas são bastante breves. A última poeta citada por Schüller (1987) é Miriam Gomes de Freitas, sobre a qual afirma: “Os versos de Miriam Gomes de Freitas situam-se entre as produções mais originais aparecidas na literatura sul-

rio-grandense [...] pela radicalidade com que reflete sobre a existência e pelos recursos poemáticos com que o faz” (SCHÜLER, 1987, p. 341)

Na obra de Fischer (1998), a ausência de poetisas mulheres é muito mais marcante do que em Schüller (1987). A organização não tradicional desta história da literatura talvez pudesse justificar esse apagamento, já na introdução o autor explica a divisão do livro em cinco capítulos, sendo um dedicado exclusivamente a Mário Quintana e Aureliano de Figueiredo Pinto, evidenciando que não pretende esgotar nenhum dos temas tratados. Porém, mesmo em capítulos que objetivam retratar extensos períodos da poesia sul-rio-grandense, como o denominado *Poesia e crítica*, nenhuma poeta mulher é citada. Embora, como afirma Reis (1992), a produção de uma história da literatura pressuponha sempre um processo de seleção que incluirá e excluirá determinadas obras e autores a partir de critérios específicos cada autor, o total apagamento de obras de autoria feminina demonstra o patriarcalismo implícito nos critérios de seleção de Fischer.

No último capítulo do livro, intitulado *Novos e mais novos: a ditadura e depois*, Fischer (1998) se propõe a traçar um perfil da literatura gaúcha contemporânea. Entre os dezesseis poetas citados no capítulo há apenas uma mulher, Martha Medeiros. Nos curtos parágrafos que dedica a ela, Fischer (1998) menciona apenas o livro **Strip-tease** (1985). Sua crítica à obra da poeta parece estar baseada apenas no fato dela ser mulher, o primeiro comentário que faz sobre ela é para apontar o tom feminino “típico de sua obra”. Na sequência afirma que está ausente em sua poesia “a tortura da forma, a luta pela expressão que costuma atormentar os poetas modernos”, o que explica pela “visada feminina” da autora (FISCHER, 1998, p. 136).

As observações feitas por Fischer (1998) sobre a obra de Martha Medeiros apenas reforçam o ponto de vista sexista que o autor apresenta desde o princípio da obra. Quando comparada com a de Schüller (1987), que o autor cita como uma de suas referências, a ausência de poetisas mulheres é gritante. Porém, é o retrato feito das poetisas que estão presentes na obra que comprovam o patriarcalismo nela manifesto. Em contrapartida, a representação da literatura sul-rio-grandense de autoria feminina feita por Schüller (1987), apesar da disparidade no número de poetisas de gênero feminino e masculino citados, é extremamente positiva. O autor destaca a importância das mulheres enquanto fundadoras da literatura gaúcha e, ao longo do livro, dedica o mesmo espaço a poetisas mulheres e homens. A análise que faz das obras das poetisas que menciona não parte de um critério generalizante baseado no gênero, o que ocorre na obra de Fischer (1998), mas da particularidade e especificidade de cada uma.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente ensaio propôs uma discussão sobre o espaço periférico ocupado pela mulher na literatura do Rio Grande do Sul, questionando o papel das histórias da literatura enquanto instrumentos de legitimação dessa exclusão. Para isso, foi feita uma revisão teórica dos conceitos de história da literatura em cânone, a partir de Souza (2003) e Reis (1992), nos quais destacou-se a presença da crítica literária. A partir de Schmidt (1997), constatou-se que o patriarcalismo presente na

sociedade tem grande influência nos críticos e historiadores da literatura e que sua experiência, enquanto homens privilegiados, é determinante em seus critérios de inclusão e exclusão de autores e textos literários.

A análise das obras **Um passado pela frente: poesia gaúcha ontem e hoje** (1998), de Luís Augusto Fischer, e **Poesia no Rio Grande do Sul** (1987), de Donald Schüller, permitiu uma reflexão sobre o papel da mulher na constituição da literatura do estado. Constatou-se que, apesar de ter sido fundadora e prolífica, quando comparada com a dos demais estados brasileiros, e de ter se desenvolvido paralelamente a produzida por homens, a poesia de autoria feminina gaúcha sempre foi posta em uma posição secundária em relação a masculina. Ainda assim, as poetas sul-rio-grandenses produziram poemas que tratam de questões sentimentais a questões políticas, incluindo as Revoluções que marcam a história do Rio Grande do Sul.

Por meio da comparação das duas histórias da poesia gaúcha a partir do retrato das poetas sul-rio-grandenses feito por elas, notou-se uma disparidade nas abordagens dos dois autores. Enquanto Schüller (1987) menciona diversas poetas e as valoriza, dando a elas a mesma atenção que aos poetas do sexo masculino, expressa tanto no número de linhas dedicada a cada uma quanto nas análises cuidadosas que faz de seus poemas, Fischer (1998) as exclui sistematicamente de sua obra. Uma possibilidade de justificativa para esta dualidade está no posicionamento assumido por cada um dos autores já no início de seus textos. Esta tese dialoga com as constatações iniciais desse ensaio, que apontam uma forte influência do ponto de vista adotado pelo crítico na seleção e na abordagem dos autores que constituem a sua obra. Isso sugere que a reduzida presença feminina na história da literatura não teria relação com a inexistência de escritoras ou com a pouca qualidade das obras produzidas por elas, como muitos sugerem, mas sim com o patriarcalismo que rege a nossa sociedade. Assim, fica evidente que o sexismo é um dos principais critérios de seleção utilizados por aqueles que tem o poder para determinar o que é boa literatura, o que ocasiona o silenciamento feminino ao longo dela.

Referências

FLORES, Hilda Agnes Hübner. Ana Eurídice de Barandas. **Travessia**, Florianópolis, nº. 23, p. 15-36, 1991.

FISCHER, Luís Augusto. **Um passado pela frente: poesia gaúcha ontem e hoje**. 2. ed. Porto Alegre, Editora Universidade/UFRGS, 1998.

MOREIRA, Maria Eunice. Os versos (quase) desconhecidos de Maria Clemência de Silveira Sampaio. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 41, nº 4, p. 27-40, dezembro, 2006.

REIS, Roberto. Cânon. *IN*: JOBIM, José Luís (org). **Palavras da crítica**. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1992. p. 65-92

SCHMIDT, Rita Teresinha. **Pensar (d)as margens: estará o cânone em estado de sítio?** In: 5º CONGRESSO ABRALIC: cânones e contextos, anais. Rio de Janeiro: ABRALIC, 1997. v. 1.

SCHÜLER, Donaldo. **A poesia no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

SOUZA, Roberto Acízelo de. A ideia da história da literatura: constituição e crises. In. MOREIRA, Maria Eunice (Org.). **Histórias da literatura: teorias, temas e autores**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003. p. 141-156.

ZILBERMAN, Regina. Mulheres sul-rio-grandenses: a voz por trás do gauchesco. **Travessia**, Florianópolis, n.º. 23, p. 37-53, 1991.

Para citar este artigo

SOUZA, A. O. L. de. Um cânone masculino: poesia feminina no Rio Grande do Sul. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 10, n. 5, 2021, p. 97-108.

A autora

ARIEL OLIVEIRA LEITE DE SOUZA é licenciada em Letras Português/Inglês pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), atuou como bolsista nos projetos de pesquisa "Vozes marginais na literatura brasileira dos anos 60 ao presente" (2016-2017) e "A margem em evidência: gênero, etnia e sociedade na literatura brasileira contemporânea" (2017-Atual). Atualmente, é mestranda em Letras, área de concentração História da Literatura, na Universidade Federal do Rio Grande (FURG).